

A configuração vertical e horizontal da rede construcional

The Vertical and Horizontal Configuration of the Constructional Network

Taísa Peres de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) | Três Lagoas | MS | BR
taisa.p.oliveira@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

Resumo: Um dos conceitos mais fundamentais aos chamados Modelos Baseados no Uso é a visão da língua organizada em uma rede cognitiva, em que construções estão ligadas umas às outras de modo que nenhuma construção esteja isolada (Langacker, 2008; Hudson, 2010; Goldberg, 2006, 2019). Partindo desse pressuposto, neste artigo discutem-se os modelos vertical e horizontal de rede construcional, destacando as vantagens e desvantagens em cada um. Tomando os conectores condicionais do português como objeto de estudo, assume-se a visão da rede integrada, entendendo que a organização vertical e a horizontal representam tarefas cognitivas distintas e complementares. A análise dos conectores condicionais mostra a como os elos verticais sozinhos não dão conta de representar a sobreposição semântica e pragmática observada nessas construções. Por isso, propõe-se aqui a *hipótese da similaridade construcional*, para dar conta dos contextos de alternância construcional. A hipótese assume que os falantes generalizam também em contextos de alternância construcional, armazenando detalhes do contexto de uso de exemplares similares, o que é capturado por elos horizontais.

Palavras-chave: gramática de construções, rede, elos verticais, elos horizontais.

Abstract: One of the core principles of Usage-Based Models is the idea that language is a cognitive network of interconnected constructions, rather than an inventory of isolated linguistic units (Langacker, 2008; Hudson, 2010; Goldberg, 2006, 2019). Building on this perspective, this paper discusses the advantages and disadvantages of the vertical and horizontal models of



constructional networks. Based on a case study of conditional connectives in Portuguese, this paper adopts an integrated view of the network, assuming that vertical and horizontal organization represents distinct yet complementary cognitive tools to represent linguistic structure. The analysis of conditional connectives shows that the vertical links cannot fully account for their semantics and pragmatics overlap, therefore this paper proposes the constructional similarity hypothesis to cover for what it is here called constructional alternation. This hypothesis suggests that speakers generalize across constructional alternation in order to memorize details of usage contexts for similar exemplars, what is captured by horizontal links.

Keywords: construction grammar, network, vertical links, horizontal links.

1 Introdução

Um dos conceitos mais fundamentais aos chamados Modelos Baseados no Uso é a ideia de que a língua é organizada em uma rede conceitual de unidades linguísticas convencionais generalizadas a partir de experiências reais de uso (Langacker, 2008; Hudson, 2010; Goldberg, 2006, 2019). O modelo de organização da gramática em rede tem se mostrado uma ferramenta bastante produtiva para explicar a organização cognitiva de categorias e construções, representando o modo como indivíduos processam e armazenam informação de forma conectada e não compartimentalizada.

Nesse contexto, a natureza das ligações entre construções é o ponto central entre os que se voltam para a discussão sobre a configuração da rede. Nos modelos clássicos, as construções são ligadas por elos verticais, que, motivados pela habilidade cognitiva de generalização e de categorização, organizam as construções numa rede taxonômica exibindo diferentes graus de esquematicidade (Goldberg, 2006; 2019; Traugott; Trousdale, 2021[2013]). Recentemente, diversos autores têm discutido a necessidade de um modelo de análise que considere também elos horizontais, que ligariam construções num mesmo nível da abstração. No entanto, se por um lado a natureza dos elos verticais parece ser consensual, de outro, a natureza dos elos horizontais ainda não é questão tão bem resolvida (Capelle, 2006; Van de Velde, 2014; Perek, 2015; Diessel, 2019; Sommerer; Smirnova, 2020.) No geral, para discutir a organização horizontal da rede, autores acionam noções como contraste, alternância, variação e similaridade. Não há, portanto, consenso sobre a natureza desses elos nem sobre os processos cognitivos que os motivariam. Mais recentemente, Ungerer (2024) afirma que, na verdade, elos verticais e horizontais seriam motivados pelos mesmos processos cognitivos, categorização e abstração, e, por isso, constituiriam, de fato, apenas diferenças notacionais de análise e de representação.

Partindo desse referencial, meu objetivo no presente trabalho é revisitar os modelos de rede descritos tendo como objeto de estudo um recorte dos conectores condicionais, nem sempre considerados pela literatura sobre gramática de construções que, no geral, dispensa grande ênfase em questões da oração simples. Assumindo a proposta de Capelle (2006) e Diessel (2019, 2023), de que elos horizontais representam variância entre construções, minha análise vai na direção da proposta de uma rede integrada, organizada por elos verticais e horizontais, entendendo que informações distintas são capturadas nos dois modelos de organização.

Minha análise parte da descrição realizada em Oliveira (2008, 2009), em que defendo que conectores condicionais subespecificam três diferentes sentidos associados à zona da condicionalidade. Desses, retomo aqui os subesquemas $[X \text{ que}]_{\text{CondPos}}$ e $[X \text{ se}]_{\text{CondNeg}}$, que sancionados pelo esquema geral $[X \text{ conj}]_{\text{Cond}}$ compartilha propriedades de formas e de funções, mas apresentam especificações que não necessariamente podem ser analisadas somente por meio de elos verticais. Por isso, defendo um modelo de rede em que se representam, além dos elos de herança, os detalhes das experiências de uso das estruturas linguísticas para, assim, chegarmos a generalizações mais adequadas sobre o conhecimento que falantes têm da língua, que é, afinal, o objetivo de qualquer modelo de rede. Isso porque o conhecimento linguístico dos falantes envolve também o conhecimento das similaridades entre construções e seus contextos de uso, o que também deve estar representado na rede uma vez que os indivíduos armazenam estruturas complexas, com detalhes da experiência, processo conhecido como memória enriquecida. Esse posicionamento encontra sustento principalmente em Bybee (2016), como pretendo demonstrar aqui pela análise dos conectores condicionais do português.

Para cumprir essa tarefa, este artigo está organizado do seguinte modo: primeiro, na seção 2, apresento as bases teóricas da Gramática de Construções, modelo que orienta minha discussão e análise; em seguida, na seção 3, discuto os diferentes modelos de rede para, então, apresentar a rede dos conectores condicionais no português na seção 4, na seção final, apresento as implicações dessa análise para os modelos baseados no uso e para a gramática de construções e algumas possibilidades de análises.

2 A Gramática de Construções

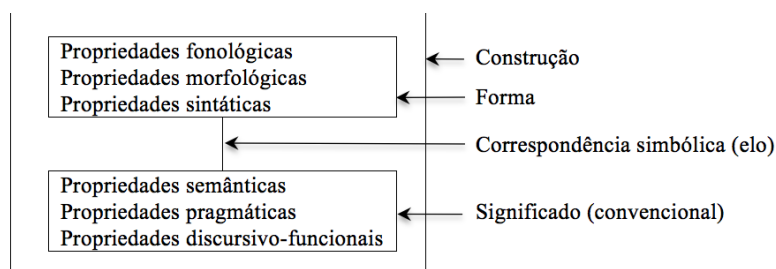
A discussão que se faz aqui assume como fundamento teórico de base a Gramática de Construções (Croft, 2001; Goldberg, 2006, 2019; Diessel, 2019), que, vinculada aos Modelos Baseados no Uso, reconhece como princípio básico o entendimento de que a estrutura linguística é moldada pela experiência do usuário da língua, refletindo habilidades cognitivas que atuam em outros sistemas do conhecimento humano. Embora cada modelo assuma epistemologias distintas, a abordagem construcional de tratamento da linguagem se pauta por um conjunto de premissas básicas, dentre os quais destaco as que se ligam diretamente aos objetivos da discussão que proponho aqui: analisar os modelos de rede. Assumindo, portanto, este objetivo, é preciso ter em mente que:

- 1) O conhecimento sobre a língua envolve reconhecer pares de forma e significado com diferentes graus de complexidade e em vários níveis de abstração, reconhecendo a língua como um sistema de signos convencionais (Croft, 2001; Langacker, 2008; Goldberg, 2006, 2019; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021[2013]).

- 2) A relação entre a estrutura linguística e o significado não é fixa. A estrutura linguística tem potencial para o significado, que emerge a partir de rotinas cognitivas de padrões mentalmente acionados pela experiência com a língua.
- 3) A não separação rígida entre léxico e gramática. As categorias são radiais e graduais, sem limites claros (Langacker, 2008; Bybee, 2016; Traugott, Trousdale, 2021[2013]).
- 4) A gramática é a organização cognitiva de construções ligadas em rede de modo que, nenhuma unidade da língua, de qualquer natureza ou grau de complexidade, está isolada (Croft, 2001; Langacker, 2008; Goldberg, 2006, 2019; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021[2013]).
- 5) O sistema linguístico é organizado e motivado por habilidades cognitivas gerais, porque a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais amplas (Langacker, 2008; Bybee, 2016).

Nesse contexto, a unidade fundamental de análise é a **construção**, que abriga unidades mínimas, como os morfemas, e unidades complexas, como os idiomatismos e os padrões e as regularidades mais abstratos (padrões de ordenação de constituintes e estrutura argumental, por exemplo). Ao assumir a construção como unidade fundamental da língua, a Gramática de Construções elabora um modelo de análise que dá abrigo tanto às propriedades linguísticas mais centrais como às mais periféricas e idiomáticas, sem recorrer a transformações e derivações, que fatalmente levam à proposição de categorias vazias e posições absolutas, o que é prontamente rejeitado pelo modelo. Por aí também se rejeita a modularidade e compartimentalização da gramática, que é concebida como a organização de estruturas linguísticas interconectadas na rede, o que torna irrelevante a proposição de diferentes níveis de análise. Ainda, ao tomar a construção como unidade de análise afasta-se a rígida distinção entre léxico e gramática, entendendo que as construções podem flutuar entre os dois pólos, assumindo a gradualidade em todos os sentidos e direções, seja radialmente numa categoria, seja pela interconexão e mescla de categorias. Assim, a construção, entendida como o pareamento convencional de forma-significado em qualquer nível de complexidade estrutural e linguística, é a unidade fundamental da língua, e pode ser representada, seguindo Croft (2001), pela Figura 1.

Figura 1 – A construção



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18).

No plano da forma, representam-se as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas de uma construção; e, no plano do significado, representam-se todos os aspectos convencionalizados de sua função, incluindo suas propriedades semânticas, pragmáticas e, também, as propriedades da situação, do discurso e do contexto da interação verbal em que é usada. O que se vê, portanto, é que, qualquer unidade da língua deve ser analisada como construção, do morfema e itens lexicais aos padrões sintáticos mais abstratos e expressões idiomáticas. As construções estão ligadas umas às outras em uma rede cognitiva que, inspirada na neural, busca representar o modo como indivíduos armazenam e processam informações, que é o que passo a discutir em seguida.

3 A rede

O ponto central aqui, e a qualquer análise fortemente comprometida com os Modelos Baseados no Uso, é o entendimento de que a língua faz parte de uma estrutura conceitual mais ampla, organizada numa rede cognitiva em que nenhuma construção (também chamada de nó) está totalmente isolada, mas interconectada por relações associativas que podem ser acionadas, expandidas e (re)elaboradas a partir dos eventos de uso da língua (Langacker, 2008; Hudson 2007; Goldberg, 2006, 2019; Traugott, 2022). Vários modelos assumem a visão da língua como rede:¹

- i. “(...) tudo na língua pode ser formalmente descrito em termos de nós e suas relações.”² (Hudson, 2007, p. 2).
- ii. “O *constructicon*³ não é visto como uma lista desestruturada de construções. Ao contrário, todas as versões de gramáticas de construção concordam que as construções de uma língua formam um inventário estruturado, que pode ser representado pela rede (taxonômica).”⁴ (Croft; Cruse, 2004, p. 262).
- iii. “unidades combinam-se umas com as outras em grupos que são, eles próprios, unidades convencionais (...) unidades são conectadas por relações de categorização, tanto elaboração como extensão. Elas formam redes de diferentes dimensões.”⁵ (Langacker, 2008, p. 222).
- iv. “Construções formam uma rede de conhecimento interconectado em nosso espaço conceitual hiperdimensional (...)”⁶ (Goldberg, 2019, p.36).
- v. “Construções claramente não existem num vácuo. Conceitualizadas como unidades que são estocadas no *constructicon*, elas são, em tese, ligadas umas às outras em vários graus de força na rede.”⁷ (Traugott, 2022, p. 224).

¹ As traduções presentes neste artigo são de autoria própria.

² everything in language can be described formally in terms of nodes and their relations.

³ O termo *construction* não encontra tradução para o português. É usado para definir o conjunto de todas as construções de uma língua.

⁴ The constructicon is not seen as an unstructured list of constructions. Instead, all versions of construction grammars agree that the constructions of a language form a structured inventory, which can be represented by (taxonomic) networks.

⁵ (...) units combine with one another in assemblies that are themselves conventional units. (...) units are connected by relationships of categorization, both elaboration and extension. They can thus form networks of any size.

⁶ Constructions form a network of interrelated knowledge within our hyperdimensional conceptual space (...).

⁷ Constructions clearly do not exist in a vacuum. Conceptualized as units that are stored in the constructicon, they are by hypothesis linked to each other to various degrees of strength in networks.

Assumindo a rede como a representação cognitiva do conhecimento linguístico, os diferentes modelos partem do pressuposto de que a rede está assentada sobre habilidades cognitivas gerais, como pensamento analógico, categorização, abstração, rotinização e automação. A partir desses processos, as construções podem formar diferentes conexões associativas, que são acionadas sempre que indivíduos processam e armazenam uma estrutura linguística, a exemplo de como processam e armazenam qualquer tipo de conhecimento. Questão bem menos consensual, no entanto, diz respeito à natureza dos elos que ligam as construções, também chamadas de nós. Comumente distinguem-se entre elos verticais e elos horizontais, aos quais me torno agora.

Elos verticais conceitualizam relações de abstração e categorização entre construções mais e menos esquemáticas, representando a organização taxonômica entre esquemas e seus subtipos menos abstratos e mais específicos (Croft 2001; Goldberg 1995, 2006, 2019; Hudson 2007; Traugott; Trousdale, 2021[2013]). Por outro lado, elos horizontais representam associações entre construções num mesmo nível de abstração (Capelle, 2006; Van de Velde, 2014; Diessel, 2015; Sommerer; Smirnova, 2020). Recentemente, a discussão sobre a natureza dos elos horizontais tem levado a uma proposição de diferentes modelos de representação conceitual da rede. Por um lado, há autores que assumem a natureza distintiva dos elos horizontais, que ligariam construções numa relação de contraste, como Coleman (2020) e Smirnova e Sommerer (2020), para outros, elos horizontais representam as relações de similaridade entre construções, como em Capelle (2006) e Diessel (2019). Nesse contexto, há ainda autores que afirmam que a distinção entre elos horizontais é imprecisa, especialmente porque já que não é possível distinguir processos cognitivos que motivariam a diferença entre elos verticais e horizontais, como Zehentner e Traugott (2020), Hoffmann (2020) e Ungerer (2024). É exatamente sobre essa distinção que me dedico neste artigo, o que faço após discutir separadamente os dois modelos de representação dos elos entre as construções na rede.

3.1 Elos verticais

Goldberg (1995) elabora um modelo de rede em que construções se organizam por elos verticais, que podem ser de diversos tipos. O mais comumente discutido entre os autores, chamados elos de herança, representam as relações de generalização e abstração entre construções. Por meio dos elos de herança, construções menos esquemáticas ligam-se a construções mais esquemáticas e mais gerais ao compartilharem propriedades de forma e significado. Goldberg (1995) analisa a estrutura argumental por meio dos elos de herança para mostrar como construções mais específicas como “to drive someone crazy⁸” se ligam ao super esquema – mais geral e mais abstrato – das construções resultativas por elos de herança. Para a autora, essa associação é motivada pelo compartilhamento de propriedades de significado (causação) e de forma (Suj V Obj Oblíquo). Assim, construções mais específicas são analisadas por meio de padrões mais gerais e mais abstratos, como o esquema da construção causativa. No modelo elaborado em Goldberg, entende-se que usuários armazenam os padrões e as sub-regularidades acionadas para processar enunciados reais em eventos de uso da língua. Daí exemplos como (1) e (2), abaixo, são analisados e, mais importante, armazenados na rede cognitiva do falante, a partir de um mesmo esquema mais geral.

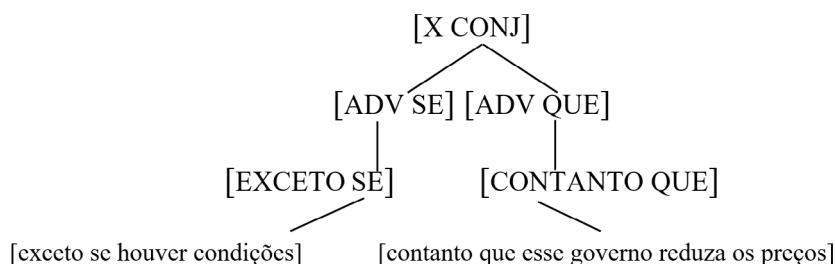
⁸ “Levar alguém à loucura”

- (1) *She drove him crazy.*
 ‘Ela o levou à loucura.’
- (2) *She drove her son to school.*
 ‘Ela o levou à escola.’

Na rede, as sub-regularidades são capturadas pela proposição de subesquemas em vários pontos intermediários de uma hierarquia taxonômica. Elos de herança capturam o processo de generalização das construções a partir de eventos reais de uso da língua, os chamados construtos, numa ordem *botton-up*, assumindo, assim, que a rede armazena propriedades de forma e de significado a partir da experiência linguística, organizados em termos de princípios de categorização e abstração (Langacker, 2008). Na organização vertical, tanto as generalizações como as instâncias mais específicas são armazenadas de tal modo que construções vão se associando em famílias e agrupamentos (*clusters*) com diferentes graus de acessibilidade e fixação. Isso significa que exemplares de diferentes categorias conceituais podem participar de uma mesma rede por meio do compartilhamento de propriedades de forma e/ou de significado e, assim, se ligam uns aos outros, numa rede ampla, em que nenhuma construção está isolada.

Em Oliveira (2023), mostrei como conectores adverbiais do português se organizam hierarquicamente pelos elos de herança. No grau mais alto de abstração, os conectores podem ser analisados pelo esquema [X CONJ], que generaliza sobre propriedades de forma e de significado de subesquemas como [ADV SE], [ADV QUE] e [PREP QUE], no nível intermediário. Esses, por sua vez, generalizam sobre microconstruções como [exceto se], [ainda que] e [desde que] num nível ainda mais específico e esquemático. As propriedades de forma e de significado são abstraídas a partir de instâncias de uso, os construtos, em que os conectores são usados para construir uma relação de sequencialidade especificando uma relação circunstancial entre orações (Oliveira, 2023). Um recorte dessa rede pode ser representado como ilustrado pela Figura 3:

Figura 2 – Rede de conectores



Fonte: Adaptado (Oliveira, 2023, p. 171).

Na organização vertical da rede dos conectores complexos, os elos de herança especificam um padrão de forma, uma combinação morfosintaticamente complexa constituída por um item lexical e uma conjunção que assume a primeira posição da oração. No plano do significado, os elos de herança especificam uma relação de sequencialidade tal que a oração marcada pelo conector abre um quadro cognitivo para a validação semântica/pragmática da

oração chamada principal. Da correlação dessa combinação emergem os significados circunstanciais da relação adverbial (Cezario *et al*, 2015; Oliveira, 2022; Oliveira, 2014, 2023). Todos os subesquemas e microconstruções herdam essas propriedades, que são especificadas uma única vez no nível mais abstrato e esquemático e, portanto, não precisam ser repetidas a cada subesquema e microconstrução, o que na literatura é chamado de herança *default* (padrão). As subespecificações desses detalhes são elaboradas de diversas formas por meio dos elos associativos, que podem ser polissêmicos e metafóricos, como demonstrei em Oliveira (2023).

Elos verticais também representam elaborações e extensões de sentido entre um esquema mais geral e seus subesquemas, por meio de elos que subespecificam relações de subparte, instância, metáfora e polissemia. Elos de subparte especificam construções como parte de uma construção maior. Por exemplo, a construção de movimento causado é parte do esquema de movimento intransitivo. Os elos de instância ligam uma construção particular como um caso diferenciado dentro de um esquema. Um exemplo é a condicional “se não me engano”, tipo particular do esquema da construção condicional. Elos de extensão metafórica ligam construções que resultam de projeções metafóricas de uma construção básica. Um caso é a construção resultativa, em (04), em que a noção semântica de ‘estado’ é reinterpretada a partir da noção ‘espaço’ de construções com movimento causado, como em (03), mais básico e mais concreto.

(3) Ela levou ele à *escola*. (Sentido literal)

(4) Ela levou ele à *loucura*. (Sentido metafórico)

Elos de polissemia associam subtipos de construções que apresentam as mesmas especificações sintáticas e especificações semânticas distintas, porém relacionadas. Assim, elos de polissemia ligam o sentido prototípico de um esquema a suas extensões codificadas em subesquemas em níveis hierarquicamente inferiores na rede. Em Oliveira (2023), analisei a organização polissêmica da rede de conectores adverbiais, mostrando como a configuração modo-temporal que caracteriza a oração ligada pelo conector aciona diferentes significados assentados sobre a sequencialidade própria do esquema espacial-temporal e codificado no esquema mais abstrato, especificando os significados de causa, tempo, condição e concessão.

Ao ligar verticalmente construções com diferentes níveis de abstração, os elos verticais de herança consistem numa característica **fundamental** da abordagem construcional de orientação cognitivista, uma vez que assume as habilidades de categorização e abstração como processos elementares na estruturação linguística. O ponto aqui é o entendimento de língua como conhecimento. Em eventos de uso, indivíduos processam construções a partir de esquemas e suas extensões, associando tipos específicos a padrões mais regulares e convencionais. Não há, portanto, a necessidade de armazenar cada um dos subtipos separadamente. Isso porque quando “(...) aprende a usar a palavra [e qualquer estrutura] adequadamente, um falante domina a rede toda (não o esquema ou o protótipo)” (Langacker, 2008, p. 224). De fato, para Langacker (2008, p. 222), a língua pode ser descrita como “(...) como um inventário **estruturado** de unidades linguísticas. Essa estrutura – a organização das unidades em rede e grupos – está intimamente relacionado ao uso da língua, ao mesmo tempo moldando e sendo moldado por ele⁹.” (grifo do autor). O que está realmente por trás da noção de rede

⁹ “(...) as a **structured** inventory of conventional units. This structure – the organization of units into networks and assemblies – is intimately related to language use, both shaping and being shaped by it.”

é a capacidade dos indivíduos, usuários da língua, de abstrair, de categorizar e de expandir significados a partir de eventos de uso. Ao usar uma estrutura linguística qualquer, o falante mapeia esse uso como instância de algum esquema mais geral da rede. Por isso a conceitualização da língua como uma rede organizada por elos de herança assume tanta força, porque está intimamente ligada ao entendimento de língua como conhecimento e uso.

Ainda, a concepção da língua como rede é compatível com a visão dinâmica e *online* da gramática. Em eventos de uso, construções de algum modo relacionadas são acionadas quase simultaneamente quando relevantes em um evento de uso da língua, processo conhecido como expansão da ativação (Hudson, 2007). Esse processo explica como porções do conhecimento ligados uns aos outros na rede associam instâncias de usos a tipos armazenados. O efeito *priming*¹⁰ serve como evidência desse processo: indivíduos recuperam mais rapidamente uma forma linguística específica quando foram previamente expostos a outras formas linguísticas a ela relacionadas. Por exemplo, é mais fácil processar a palavra ‘maçã’ quando previamente exposto a palavras como ‘pera’, ‘uva’ e frutas em geral do que quando exposto a palavras não relacionadas à categoria fruta, ou a palavras relacionadas a uma categoria da qual maçã é membro periférico, como partes do corpo (maçã do rosto). Isso porque construções (de qualquer natureza) que estão intimamente relacionadas entre si, ou seja, construções que estão intimamente ligadas na rede, servem como *prime* umas às outras mais rapidamente do que construções mais distantes na rede.

Por essas razões, o modelo de organização vertical da rede em elos de natureza taxonômica está presente em qualquer abordagem construcional (Goldberg, 1995, 2006, 2019; Croft, 2001; Hudson, 2005; Traugott, Trousdale, 2021[2013], Diessel, 2019). Por outro lado, quando se trata de pensar a rede em termos de organização horizontal, os posicionamentos são bem mais divergentes, tanto no que diz respeito à natureza dessa organização horizontal, quanto ao questionamento sobre sua real necessidade, que é o ponto central deste artigo e que passo a discutir agora.

3.2 Os elos horizontais

De modo geral, elos horizontais são usados para dar conta de construções que compartilham um conjunto de propriedades, mas diferem em termos de características individuais não são especificadas como parte do esquema abstrato que instanciam (Capelle, 2006; Perek, 2012, 2015; Van de Velde, 2014; Gyselink, 2020). No entanto, conforme afirmei anteriormente, diferentemente do estatuto bem estabelecido dos elos verticais, não há, ainda, um entendimento geral sobre a natureza dos elos horizontais, nem sequer consenso sobre sua relevância para uma teoria gramatical cognitivamente motivada. Aqui, destaco dois modelos mais frequentemente discutidos, o modelo da aloconstrução, que entende elos horizontais como forma de analisar variação entre construções similares, e o modelo da paradigmaticização, em que elos horizontais ligam construções não necessariamente similares em termos de forma e de função, mas participantes de um mesmo paradigma.

¹⁰ O termo *priming* refere-se ao processo em que um elemento serve de preparação para o processamento de outro termo a ele de algum modo relacionado. O termo tem sido usado no original em inglês na linguística, na psicologia e na ciência cognitiva, razão pela qual mantemos o uso do termo no original.

Capelle (2006) elabora um modelo de análise para dar conta de construções que são formalmente distintas, semanticamente semelhantes (quase sinônimas, nos termos do autor), o que nomeia como aloconstrução. Capelle analisa as construções verbo-partícula¹¹ e suas diferentes combinações possíveis no inglês, considerando a variabilidade da posição da preposição e do objeto (que em alguns casos pode ter uma posição fixa), como demonstrado no exemplo em (05), abaixo. As construções se apresentam em dois padrões formais ligeiramente distintos: (i) um padrão contínuo entre verbo e a preposição (05a), e (ii) um padrão descontínuo, em que um SN interrompe a ordem verbo e preposição (05b). Apesar das diferenças formais, as duas construções têm, conforme o autor, uma mesma semântica, no sentido de que veiculam o mesmo conteúdo proposicional, ou seja, o sentido de ‘puxar a meia para cima’ está presente em qualquer uma das variantes. Essa variação, segundo Capelle (2006), não pode ser analisada por meio de elos verticais.

(5a) *pull up one's socks*

(5b) *pull one's socks up*¹²

Elos verticais analisam um vínculo de herança, uma relação entre uma construção geral e suas instâncias específicas, uma relação entre uma construção maior e sua subparte (por exemplo, a relação entre o movimento causado e a construção de movimento intransitivo), entre uma construção e suas extensões metafóricas (por exemplo, o esquema de sequencialidade e suas extensões de tempo, condição e causa), ou entre uma construção central e seus diferentes sentidos, formando uma rede polissêmica a partir desse sentido central (o esquema condicional e seus vários significados). A alternância entre construções formalmente distintas e semanticamente similares não pode ser analisada por nenhum desses quatro tipos de ligações, já que se trata de um mesmo padrão subespecificado num mesmo nível. Assumir que a mesma construção é armazenada duas vezes (no exemplo, uma vez como uma instância do padrão contínuo e uma vez como uma instância do padrão descontínuo) sem a existência de um nível que represente a relação de similaridade semântica entre as duas analisadas é um problema de plausibilidade psicológica para a Gramática de Construções.

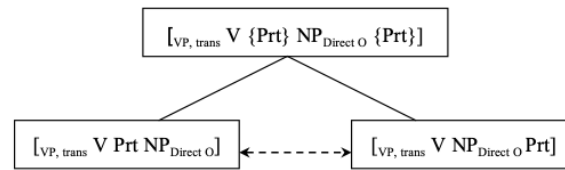
Nesse sentido, Capelle (2006) elabora um modelo em que analisa propriedades gerais compartilhadas por diferentes construções de uma mesma rede por meio de um superesquema abstrato, que o autor denomina construtema. Especificações e detalhes individuais das variantes são analisados por meio das aloconstruções, concebidas como – “(...) como realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente não especificada.”¹³ (Capelle, 2006, p. 18). Embora o autor não faça menção explícita a elos horizontais, seu diagrama para análise das construções com verbo-partícula deixa claro o posicionamento do autor sobre a natureza das aloconstruções, tal como se vê na Figura 3:

¹¹ Termo do autor.

¹² Puxar a meia de alguém.

¹³ (...) as variant structural realizations of a construction that is left partially underspecified.

Figura 3 – Rede da construção verbo-partícula



Fonte: Adaptado de Capelle (2006, p. 18).

Por esta análise, Capelle (2006) representa o modo como as duas aloconstruções do padrão verbo-partícula estão ligadas por meio de elo vertical ao esquema mais abstrato (o construtema, nos termos do autor) e entre si por meio de um elo horizontal (pontilhado e com duas flechas). Segundo o autor, assim se representa o fato de os dois padrões serem formas diferentes de uma mesma unidade significativa, o que também é parte do conhecimento linguístico dos usuários da língua. Ou seja, os indivíduos possuem esse fato como conhecimento em sua rede. O autor ressalta que a alternância sistemática é, em si, um dos padrões da língua, uma generalização que reside na mente dos falantes. Isso porque

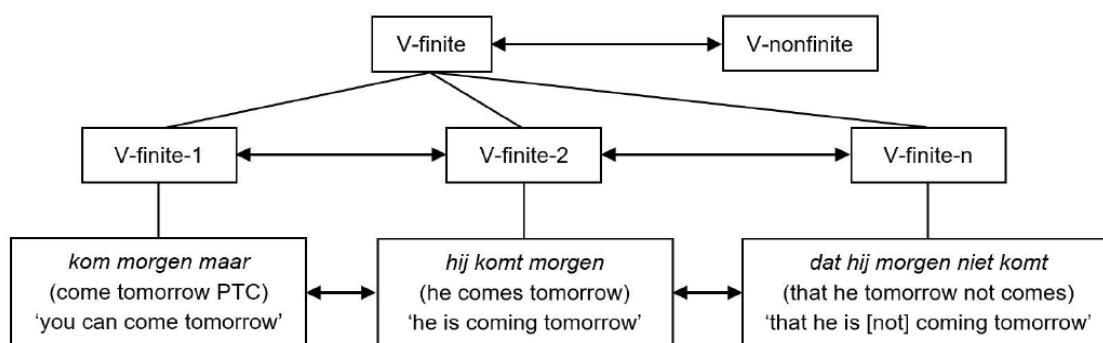
As duas aloconstruções não estão em distribuição complementar. Isto é, em muitos contextos discursivos, elas podem substituir uma à outra sem acarretar uma mudança no significado (verdade condicional). Mas embora haja muita variação livre, as circunstâncias específicas em que o padrão transitivo verbo-partícula é usado às vezes determinam a seleção de uma aloconstrução em detrimento de outra. De acordo com uma tendência geral da estrutura da informação, os elementos leves e velhos do discurso são normalmente colocados antes dos elementos novos e pesados do discurso. Esta tendência se reflete no já conhecido fato gramatical de que, em princípio, os objetos pronominais devem preceder a partícula, enquanto os objetos longos e especialmente sintaticamente complexos devem seguir a partícula.¹⁴ (Capelle, 2006, p. 19).

Assumindo outra concepção de elos horizontais, Van de Velde (2014) propõe um modelo que procura representar os valores diferenciais de construções num mesmo contexto paradigmático. Nesse sentido, o autor analisa construções parcialmente distintas em termos de forma e de significado, mas pertencentes a um mesmo domínio funcional, organizadas numa espécie de paradigma construcional. Para Van de Velde (2014), elos horizontais analisam “uma rede em que a relação forma-função de uma construção particular pode ser parcialmente motivada em relação aos seus vizinhos” (2014, p. 147). Isso porque o modo como se dá a oposição entre essas construções similares é, em parte, uma propriedade que as definem. Por outro lado, essa oposição não é algo especificado nos níveis de generalização e abstração mais altos e, portanto, não pode ser analisado por meio dos elos de herança.

¹⁴ “The two allostructions are not in complementary distribution. That is, in many discourse environments, they may substitute for one another without bringing about a change in (truth-conditional) meaning. But although there is a good deal of free variation, the specific circumstances in which the transitive verb-particle pattern is used sometimes do determine the selection of one allostruction over another. In accordance with a general information-structural tendency, discourse-old and light elements are typically placed before discourse-new and heavy ones. This tendency is reflected in the well-known grammatical fact that, in principle, pronominal objects have to precede the particle, while long and especially syntactically complex ones have to follow the particle.”

Para ilustrar sua discussão, o autor examina a rede construcional das orações finitas em holandês, considerando a posição do verbo, que pode ser inicial, medial, final. As construções finitas, distintas em termos de forma (posição do verbo), são apenas parcialmente distintas em termos de função. Construções finitas com verbo-inicial são usadas em contextos de significados não-factuais, como em construções que envolvem valores como inversão de polaridade, condicionalidade e imperativos. Já a ordem verbo-final é reservada para contextos em que há diferenças no relevo das informações, em especial com a distribuição figura-fundo, daí seu uso principalmente em orações subordinadas. Por fim, a ordem verbo-medial é usada como a regra padrão das orações declarativas não marcadas. Ou seja, as construções pertencem a um mesmo domínio funcional (finitude), mas apresentam diferenças funcionais (os contextos de ocorrência) além das diferenças formais (posição do verbo). Para Van de Velde (2014), as três construções motivam uma à outra não apenas por meio de suas semelhanças parciais, mas também por meio de suas diferenças individuais. Essas relações de motivação mútua podem ser melhor analisadas por elos horizontais, já que os verticais analisam relações de herança. Assim, Van de Velde (2014) propõe uma rede organizada em elos verticais (que generalizam sobre propriedades herdadas) e, também, elos horizontais, que ligam construções num mesmo nível de especificidade e motivam uma à outra em termos de valores de similaridade e oposição.

Figura 4 – Rede construcional construções finitas do holandês



Fonte: Adaptado de Van de Velde (2014, p. 150).

Outro exemplo analisado pelo autor diz respeito à diferença entre o grau de integração em orações subordinadas no holandês. Van de Velde (2014) discute um conjunto de propriedades definidoras da maior/menor integração: posição assumida pelo verbo, presença de conjunção, ordem da oração e tempos e modos verbais. Em sua análise, o autor apresenta contra-argumentos para cada um dos critérios, concluindo que “(...) padrões integrados *versus* não integrados de orações subordinadas estão relacionados horizontalmente em sua rede construcional. É apenas em contraste com a integração que a não integração é significativamente funcional”¹⁵ (Van de Velde, 2014, p. 158). Na rede, os elos horizontais conceitualizam que a relação forma-significado de uma construção particular pode ser parcialmente motivada em relação aos seus vizinhos pela associação de um valor diferencial entre as construções.

¹⁵ “(...) integrated vs. non-integrated patterns of subordinate clauses are horizontally related in their constructional network. It is only in contrast to integration that non-integration is semiotically meaningful”.

Esse modelo é assumido por autores como Gyselinck (2020), que analisa os padrões de colocação entre verbos e intensificadores da construção pseudo-reflexiva do holandês, considerando tanto construções que tem o verbo como posição fechada, como as que tem o intensificador como posição fechada (a posição aberta variando inversamente dependendo das perspectivas assumidas). O ponto principal na análise de Gyselinck (2020) é que, ainda que caracterizada por uma grande variedade de diferentes combinações de tipos de verbos e intensificadores, capturada num mais alto nível de generalização, a análise revela diferenças importantes no que diz respeito ao comportamento colocacional das construções subespecificadas com verbos e intensificadores que não devem ser ignoradas. Essas diferenças, não capturadas pelos elos de herança, podem ser capturadas em termos de um mesmo nível de esquematicidade por meio dos elos horizontais. Segundo a autora,

podemos chamar a atenção para semelhanças entre microconstruções (ou seja, padrões no mesmo nível de abstração) que não são captadas na representação taxonômica da rede. Poderíamos dizer que esses elos horizontais são, na verdade, reinterpretações dos elos verticais em outra configuração possível da rede.¹⁶

As considerações feitas até aqui deixam evidente o entendimento relativamente difuso sobre a organização da gramática em elos horizontais, ponto que claramente permanece aberto na abordagem construcional. O que se tem, portanto, são modelos distintos, que chegam a análises de aspectos diferentes da língua e, assim, potencializam diferentes incursões sobre a natureza da linguagem e sobre os mecanismos cognitivos que a modelam. Embora a natureza dos elos horizontais tenha ganhado grande foco nos últimos anos, como se vê, por exemplo, nos trabalhos de Zehenter (2019), Diessel (2019, 2023), Percilier (2020), Smirnova e Sommerer (2020), Zehenter e Traugott (2020), Traugott (2023), Ungerer (2024), o que há, na verdade, é um emaranhado de propostas que, algumas vezes, se sobrepõem ao modelo vertical ou que não se distinguem dele com tanta clareza, sem uma resposta mais precisa sobre seu real estatuto na organização gramatical.

Nesse contexto, Smirnova e Sommerer (2020) e Ungerer (2024) chamam atenção para a falta de um entendimento sobre a base conceitual dos elos horizontais, ou seja, sobre o mecanismo cognitivo por trás desse modelo de organização da gramática. Segundo os autores, os modelos invocam, no geral, questões como propriedades compartilhadas e similaridade, que seriam próprias também da categorização, princípio cognitivo modulador dos elos taxonômicos (verticais). Segundo Ungerer (2024, p. 11), “Os conceitos de categorização, abstração (ou generalização), taxonomia e similaridade estão, portanto, inextricavelmente ligados”.¹⁷ Nesse sentido, elos verticais e elos horizontais seriam motivados/modelados pelos mesmos mecanismos cognitivos. Esse é um questionamento também colocado por Smirnova e Sommerer (2020, p. 4): “Como habilidades cognitivas como pensamento analógico, rotinização/automatização, abstração e categorização/esquematização se relacionam à estrutura

¹⁶ “(...) we can bring attention to similarities between micro-constructions (i.e. patterns at the same level of abstraction) that are not picked up in the taxonomic representation of the network. We could say that these horizontal links are actually reinterpretations of the vertical links in another possible configuration of the network”.

¹⁷ “The concepts of categorisation, abstraction (or generalisation), taxonomy and similarity are thus inextricably linked”.

e reorganização da rede construcional?”¹⁸ O que fica claro na literatura é que nem a própria natureza dos elos horizontais não está bem estabelecida, quanto mais seu papel na organização cognitiva da rede e, assim, o tema ainda carece de maiores tratamentos.

Como consequência, também não fica bem estabelecida a divisão de tarefas entre elos verticais e horizontais. Ou seja, se elos verticais elaboram uma taxonomia, o que fazem os elos horizontais? Conforme discute Ungerer (2024), elos verticais e horizontais seriam igualmente usados para codificar semelhanças entre construções, não havendo, assim, razão para assumir que os dois tipos de ligação codificariam informações distintas sobre a realidade cognitiva das redes construcionais dos usuários da língua. Nesse sentido, Ungerer (2024, p. 12) afirma que “(...) elos verticais e horizontais não codificam mecanismos cognitivos distintos, mas que constituem variantes notacionais para representar semelhanças construcionais.”¹⁹ Em outras palavras, para Ungerer (2024), elos verticais e horizontais representariam o mesmo tipo de informação e seriam acionados por uma mesma base cognitiva, constituindo, assim, como diferenças notacionais entre os dois modelos. Em outras palavras, a diferença entre elos verticais e horizontais seria, de fato, uma questão puramente prática, pautada pela especificidade do que se quer representar e não por diferenças em termos da organização conceptual e cognitiva da rede.

No entanto, o foco excessivo no processo da generalização/abstração, representado pelos elos taxonômicos, negligencia, em alguma medida, a flexibilidade e a criatividade próprias da gramática e do uso linguístico. Ao assumir que cada padrão “é mais bem analisado por si só, sem considerar referências implícitas ou explícitas a um possível sintagma alternativo”²⁰ (Goldberg, 2006, p. 25), o modelo taxonômico se assenta muito fortemente sobre uma perspectiva puramente semasiológica de interpretação do pareamento de forma-significado, ignorando que, embora as construções possuam propriedades particulares, elas podem ser usadas em contextos semelhantes. Isso significa que, para além das propriedades de forma e de significado que compartilham, as construções podem ser usadas para formular uma mesma intenção comunicativa em contextos similares, o que não pode ser capturado por elos verticais, já que essa competição se dá entre construções em um mesmo nível de esquematicidade, e não entre construções com diferentes graus de abstração (na relação vertical). É nesse sentido que reforço e assumo, junto com autores como Capelle (2006), Perek (2015) e Diessel (2019, 2023), que os elos horizontais são necessários para dar conta dessa competição por contextos de uso.

É exatamente nesse contexto que desenvolvo este trabalho, assumindo que a rede tem uma organização vertical, em que construções esquemáticas se ligam a esquemas mais abstratos por elos taxonômicos de herança, e uma organização horizontal, em que construções semanticamente próximas se ligam por elos de similaridade. Na análise aqui realizada procuro fazer algumas considerações sobre o mecanismo cognitivo por trás dos elos horizontais e sobre a relevância de se pensar a rede nas duas direções, já que, conforme demonstro, codificam informações diferentes sobre as construções, o que passo a discutir em seguida com base na análise dos conectores condicionais.

¹⁸ “How do general cognitive abilities like analogical thinking, routinization/automatization, abstraction, and categorization/schematization relate to the structure and reorganization of the constructional network?”

¹⁹ “(...) vertical and horizontal links do not encode distinct cognitive mechanisms, but that they constitute notational variants for representing constructional similarities”.

²⁰ “(...) is best analyzed in its own terms, without relying on explicit or implicit reference to a possible alternative phrase”.

4 As orações condicionais no português

4.1 Universo de análise

Os dados desta análise foram coletados no banco de dados *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org (Davies; Ferreira, 2006). Para esta análise, utilizei a modalidade Gênero/Histórico, que conta com aproximadamente 45 milhões de palavras distribuídas em textos oral, de ficção, jornalístico e acadêmico, recortados no século XIX e XX, considerando apenas a variedade do português brasileiro. Para a busca, os dados foram pesquisados pelo buscador do próprio corpus a partir dos comandos **contanto que**, **desde que**, **a menos que** e **a não ser que**, selecionando apenas ocorrências dos conectores em contexto de condicionalidade. Foram encontrados um total de 1440 dados. Os dados foram organizados e processados por meio do programa de análise estatística *Studio R* (2024), seguindo os roteiros de análise elaborados em Gries e Stefanowitsch (2004) e Gries (2014).

Para a análise realizada aqui, utilizei o teste *qui-quadrado*, análise estatística inferencial desenvolvida para verificar a associação entre duas variáveis categóricas. Para confirmar/refutar a associação entre a microconstrução conectora e as propriedades sintáticas e semânticas com as quais elas se combinam nas orações em que ocorrem, parto da hipótese da independência entre as variáveis consideradas (hipótese nula). A partir daí, o valor p maior que 0,05 indica independência entre variáveis, ou seja, confirma a hipótese nula, valor p menor ou igual 0,05 indica associação entre as variáveis, ou seja, rejeita a hipótese nula.

4.2 Discussão dos resultados

Para este trabalho, parto de um recorte das análises por mim realizadas sobre as orações e conectores condicionais em Oliveira (2008, 2009), em que descrevi o comportamento de diversos condicionais no português. O meu ponto de interesse aqui é mostrar como algumas dessas construções conectoras, *quasi* sinônimas que são, devem ser analisadas, também, por meio de elos horizontais, representando cognitivamente o conhecimento que o falante tem sobre o contexto de competição e alternância que marcam essas construções na gramática do português. Rejeito prontamente a afirmação de que elos horizontais estariam baseados apenas na generalização e abstração e que, portanto, constituiriam apenas um modelo a mais para análise taxonômica da relação entre construções, e reafirmo a relevância de compreender os contextos de uso de construções similares num mesmo nível de esquematicidade, o que só pode ser pensado numa organização horizontal da rede.

Para tanto, considero, em minha análise, as microconstruções conectoras [contanto que], [desde que], [a menos que] e [a não ser que], cuja frequência absoluta é apresentada na Tabela 1. Para essa discussão, levanto suas propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e contextuais, para mostrar como os usuários da língua têm conhecimento de sua semelhança e fazem suas escolhas dentro desses contextos. Nesse sentido, e considerando que a rede consiste numa representação conceitual e cognitiva do conhecimento que falantes têm sobre a língua, essa similaridade deve ser representada, que é o que proponho aqui.

Tabela 1 – Frequência bruta das microconstruções

Contanto que	305
Desde que	734
A menos que	191
A não ser que	210
Total	1440

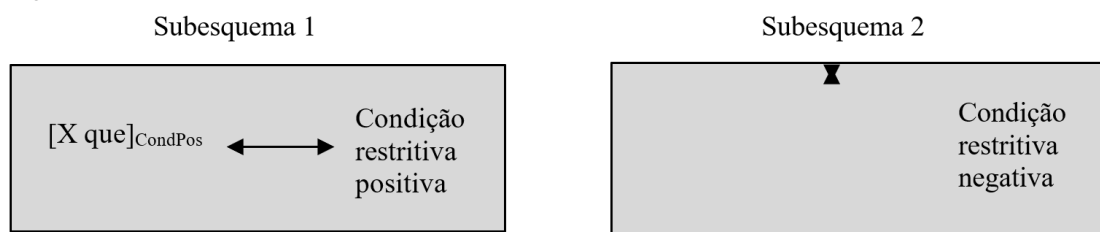
Fonte: elaboração própria.

Conforme demonstrei em Oliveira (2008, 2009), conectores condicionais podem subespecificar diferentes valores associados ao significado mais geral de condição. Aqui, trago dois subtipos específicos, os chamados **restritivos positivos** e os **restritivos negativos** que atuam na indicação de uma condição necessária, daí o rótulo restritivo. Conectores restritivos positivos subespecificam as duas orações numa relação de implicação mútua, isto é, são ambas verdadeiras ou ambas falsas, como se vê no exemplo (6). No exemplo, o conector projeta dois espaços alternativos: um primeiro em que a verdade do condicionante leva necessariamente à verdade do consequente, e outro em que a falsidade do condicionante leva necessariamente à falsidade do consequente, já que exclui qualquer outro cenário para sua validação. Pode-se afirmar, então, que as situações projetadas a partir desse exemplo são “*as testemunhas a compreendam é a única condição para o testamento particular pode ser escrito em língua estrangeira*” e “*as testemunhas não compreenderem é a única condição para o testamento particular não poder ser escrito em língua estrangeira*”. Semelhantemente, conectores restritivos negativos operam o mesmo tipo de projeção, mas com cenários invertidos: isso porque, nesse grupo, além de marcarem uma condição necessária, os também conectores promovem uma inversão de polaridade, introduzindo uma condição que deve ser necessariamente negada para a validação do consequente, como no exemplo em (7). Nesse caso, a condição toma a forma “*atendam nossas exigências justas é a condição necessária para a não validação do consequente rejeitamos uma trégua*”. Há aí, além da bicondicionalidade, uma inversão de polaridade e os cenários possíveis são, portanto, invertidos: se o condicionante é válido, o consequente deve ser negado e se o condicionante é inválido (negado), o consequente se valida.

- (6) O testamento particular pode ser escrito em língua estrangeira, **contanto que** as testemunhas a compreendam. (19Ac:Br:Lac:Misc)
- (7) Rejeitamos uma trégua, **a não ser que** atendam nossas exigências justas(19N:Br:Recf)

O que tenho aqui, portanto, são dois grupos de conectores associados, cada um com uma subespecificação semântica respectiva. O primeiro pode ser generalizado a partir do subesquema [X que]_{CondPos}, que codifica uma condição que deve necessariamente ser cumprida, ou segue-se necessariamente a não validação da situação descrita na oração núcleo. O segundo grupo é generalizado a partir do subesquema [X que]_{CondNeg}, que codifica uma restrição negativa, indicando a situação descrita na oração condicional como única condição em que os sentidos codificados na oração núcleo não se validam, promovendo a inversão de polaridade entre oração condicional e oração núcleo. Pensando em termos do paramento de forma-significado, a partir dessas subespecificações, proponho representar os dois subesquemas na Figura 5:

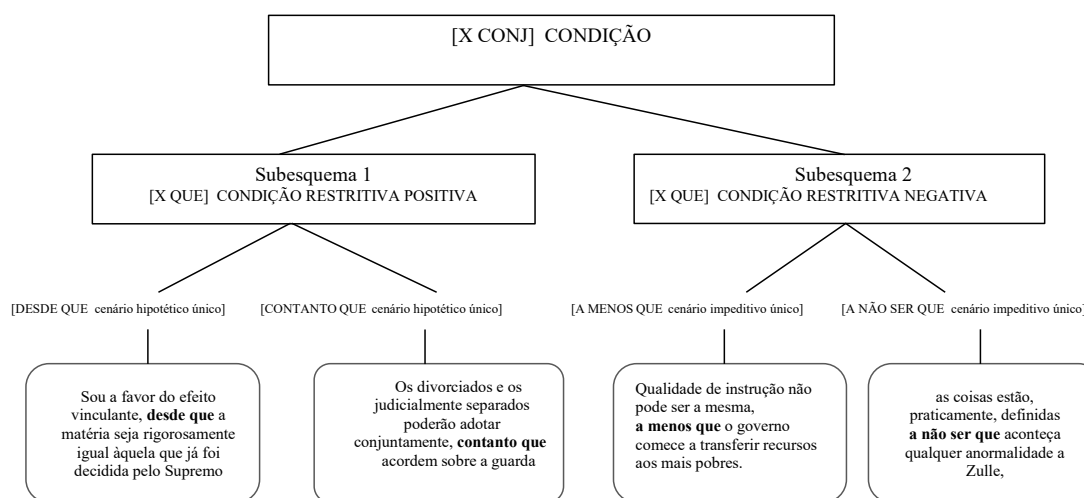
Figura 5 – Pareamento dos conectores condicionais



Fonte: elaboração própria.

De forma mais geral, a partir desses pareamentos de forma-significado, proponho, por hora, a organização vertical da rede dos conectores condicionais em termos de elos de herança conforme a Figura 6. Quero deixar claro aqui que essa rede é apenas um recorte, já que o conjunto de conectores condicionais é, como mostrei em Oliveira (2008, 2009), bem mais amplo e abriga, em cada subesquema, outras microconstruções conectoras. Além disso, a rede é formada ainda por um terceiro subesquema, que conceitualiza um significado condicional mais neutro e aberto, produtivamente marcado pela conjunção *se*, pelo conector ‘caso’ (Silva, 2023) e com menor frequência por outros conectores complexos como analisado por autores como Oliveira (2008, 2009), Clemente (2020) e Oliveira (2022).

Figura 6 – Rede conectores condicionais



Fonte: elaboração própria.

A rede representa como o conhecimento linguístico é organizado cognitivamente. Nela, a organização vertical em elos de herança representa o processo de abstração e categorização e como propriedades comuns/similares de forma e de significado das construções são armazenadas na memória dos falantes. Na Figura 6, as microconstruções generalizam feixes de propriedades comuns a partir de um conjunto de exemplares similares, os construtos (representado nas ocorrências nos boxes cinzas), e, a partir daí, vão se extraindo propriedades de forma e de significado cada vez mais gerais, representadas nos níveis esquematicamente superiores e, por isso mesmo, mais abstratos. As microconstruções representam o primeiro nível de análise propriamente dito, nele os conectores são totalmente especificados. Suas

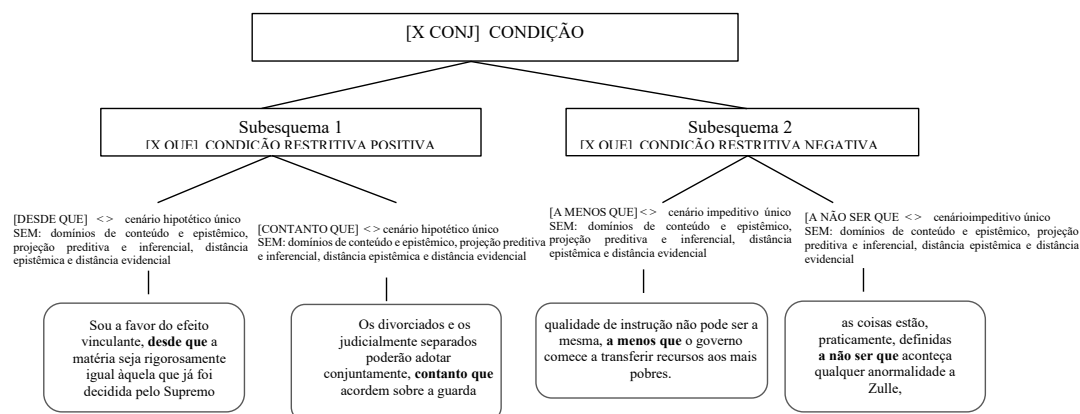
propriedades são generalizadas no subesquemas $[X \text{ que}]_{\text{CondPos}}$ e $[X \text{ que}]_{\text{CondNeg}}$, parcialmente esquemáticos e que ainda carregam distinções semânticas que são, por fim, generalizadas pelo esquema $[X \text{ conj}]$. Elos verticais de herança ligam essas as construções nesses diferentes níveis de abstração e generalização, capturando as propriedades de forma e de significado compartilhadas. A modelagem da gramática, hierarquizada em diferentes níveis de abstração por meio de elos de herança, evidencia exatamente o processo como usuários da língua armazenam informações generalizadas a partir da experiência linguística, aqui representada pelos construtos nos boxes cinzas. A cada experiência, o construto vai deixando rastros na memória do usuário da língua e, à medida que essas experiências vão se repetindo, ou seja, à medida que é exposto, repetidamente, a instâncias similares, o falante começa a identificar padrões e regularidades, que são abstraídos num processo *bottom-up* e estocados como parte da representação cognitiva daquela construção. Em outras palavras, na organização vertical, os esquemas e subesquemas estocam representações cada vez mais esquemáticas, abstraídas sobre propriedades similares de forma e de significado de microconstruções, que, por sua vez, são abstraídas a partir de exemplares reais, instâncias de uso da língua (representadas em cinza).

A organização vertical da rede é ponto consensual. O meu interesse real neste trabalho é na organização horizontal. E, para isso, me volto a descrever especificamente os traços das microconstruções, para entender em que medida são similares e se essa similaridade é adequadamente tratada apenas no processo de categorização e abstração de forma e de significado das construções, representada pelos elos de herança.

Os conectores restritivos positivos constituem unidades complexas formadas a partir de uma base lexical, que pode ser um advérbio ou uma preposição, representado pela posição aberta X no subesquema, e pelo complementizador QUE. Esses conectores conceitualizam um cenário único e específico para a validação da situação descrita na oração núcleo. Essas microconstruções conectoras podem conectar orações nos domínios do conteúdo e epistêmico e, por isso, podem projetar tanto uma condição preditiva (quando atuam no domínio de conteúdo), quanto uma inferencial (quando atuam no domínio epistêmico).

O mesmo acontece com conectores restritivos negativos: essas microconstruções conectoras constituem unidades complexas, formadas a partir de diferentes bases léxico-gramaticais. Os que analiso aqui, especificamente, se formam a partir da combinação do advérbio de exclusão 'menos' ou da estrutura negativa 'não ser', combinados com o complementizador QUE. Esses conectores conceitualizam um cenário único impeditivo para a validação da situação descrita na oração núcleo, daí a inversão de polaridade (já que a leitura aí é *se não p, q*). No caso específico das microconstruções restritivas negativas, os conectores também conectam orações no domínio dos atos de fala, projetando a adequação comunicativa para uma asserção. Como consequência de seus usos nesses contextos, as microconstruções sob análise codificam tanto distância epistêmica (quando apenas marca a não factualidade da condicional), como a distância evidencial (quando o falante aciona uma informação disponível no evento de fala por outra fonte, geralmente o ouvinte, mas opta por marcá-la como não factual). Ou seja, estamos diante de dois pares de microconstruções (considerando cada subesquema) que se diferem mais estritamente na forma, mas mantém, de algum modo, uma considerável similaridade semântico-pragmática. A partir da especificação do significado das microconstruções conectoras, a rede apresentada na Figura 6 pode ser reelaborada na Figura 7:

Figura 7 – Rede dos conectores condicionais



Fonte: elaboração própria.

Ora, o ponto fundamental em qualquer abordagem funcional-construcional é de que a gramática, dispondo de mais de uma forma, necessariamente há de se reconhecer alguma diferença funcional nessas formas. Na Gramática de Construções, esse posicionamento está claramente posto pelo Princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995, p. 67), segundo o qual

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas. Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não podem ser semanticamente sinônimas.²¹

Como então dar conta da similaridade semântica e pragmática observada entre as microconstruções conectoras, que, em termos de abstração de propriedades, não pode ser capturada? Para buscar essa resposta, volto aos contextos de uso dessas microconstruções, afinal, a Gramática de Construções é um Modelo Baseado no Uso, e é, então, exatamente no uso, que busco a resposta para esse questionamento. Até aqui, tenho dois subesquemas, instanciados por construções similares semântico e pragmaticamente. A partir daí, busquei diferenças contextuais para analisar os usos dessas microconstruções. Considerei para tanto, fatores clássicos usados na análise de orações adverbiais: a posição, os tempos e modos verbais e a polaridade da oração núcleo. Dessas, dois fatores se mostraram mais relevantes, a posição e a polaridade da oração núcleo.

Para a análise dos tempos verbais, considerei as referências de passado, presente e futuro, associadas aos modos indicativo e subjuntivo. Nos dados analisados, não houve ocorrência das microconstruções conectoras associadas a tempos do indicativo. Esse fato corrobora a análise desenvolvida em Oliveira (2008), em que apresentei dados semelhantes. Isso se deve ao fato de o significado condicional estar apoiado sobre uma base causal hipotética,

²¹ “Corollary A: if two constructions are syntactically distinct and S(semanticallly)-synonymous, then they must not be P(ragmaticallly)-synonymous. Corollary B: if two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous”.

daí a preferência por tempos e modos verbais não factuais, que concorrem para a construção desse sentido. Nos dados analisados aqui, encontrei referências de futuro e passado associadas ao modo subjuntivo, respectivamente o presente e imperfeito do subjuntivo, distribuídos de modo relativamente uniforme entre as diferentes microconstruções conectoras, como demonstra a frequência bruta na Tabela 2. Independentemente do *type*, as microconstruções conectoras ocorrem preferencialmente em condicionais em que figuram o presente do subjuntivo, responsável pela predição, capacidade que a condicional tem de projetar uma causa futura e, a partir dela, prever uma consequência. Menos frequente para os quatro *types*, a referência de passado é marcada pelo imperfeito do subjuntivo, responsável pela predição com recuo temporal. Isso se confirma estatisticamente, numa análise de contingência para verificar associação entre o *type* da microconstrução conectora e a referência temporal usada na oração com a qual ela se combina.

Tabela 2 – Referência temporal

Microconstrução conectora	Referência passada	Referência futura	X ²	valor p
[contanto que]	142	163	0.74	0.388
[desde que]	378	356	3.86	0.049
[a menos que]	86	105	0.07	0.792
[a não ser que]	93	117	1.90	0.168

Fonte: elaboração própria.

A análise estatística, especificamente a observada na coluna a valor p, que deve ser sempre interpretado a partir do valor global (todos os conectores e a variável dependente), revela que não há evidências estatisticamente robustas para rejeitar a hipótese nula (independência entre as variáveis). Num recorte individual, nota-se que a microconstrução conectora [desde que] apresenta uma tendência para associação a tempos com referência temporal de passado. Por outro lado, as demais microconstruções não exibem associações significativas, revelando que os conectores podem ser usados com qualquer desses traços combinados. Esses resultados reforçam que, enquanto [desde que] se destaca por uma leve preferência pelo passado, enquanto os demais conectores se comportam de modo similar no que diz respeito à referência temporal da oração com a qual se combinam.

Um primeiro fator que se mostrou relevante para a análise dos usos das microconstruções [contanto que] e [desde que] é a posição da oração condicional em que esses conectores ocorrem. Os falantes usam a microconstrução [contanto que] preferencialmente em condicionais antepostas e a microconstrução [desde que] em condicionais pospostas. Essa diferença de contextos de usos fica bem evidenciada pela frequência bruta na Tabela 3. A diferença de posição está associada às funções que cumprem as orações condicionais, que atuam como tópico, caso antepostas, ou adendo, caso pospostas (Haiman, 1978, Hirata, 1999). Há, portanto, uma diferença no modo como a condicional estrutura a experiência cognitiva codificada na oração complexa. Quando tópicos, atuam como fundo, organizando cognitivamente o cenário alternativo dentro do qual a informação principal, figura, será enunciada. Quando adendos, a oração condicional atua para acrescentar informação suplementar e/ou

corrigir alguma informação em relação à unidade informacional veiculada na oração núcleo. Aqui se nota, portanto, uma diferença significativa nos usos dos conectores sob análise e uma distribuição quase complementar entre os dois conectores sancionados pelo subesquema [X que]_{CondPos}. Para confirmar, anali

Tabela 3 – Referência temporal

Microconstrução conectora	Anteposta	Posposta	X ²	valor p
[contanto que]	127	178	4.00	0,045
[desde que]	389	345	22.40	0,000
[a menos que]	113	78	7.57	0,006
[a não ser que]	71	158	47.32	0,000

Fonte: elaboração própria.

A análise estatística sugere que o uso do conector interage de modo sistemático com a posição da oração em que ele está inserido, refletindo tendências funcionais. Por exemplo, [contanto que] e [a não ser que] são mais fortemente atraídos para orações pospostas. Por outro lado, [desde que] está fortemente associado a orações em posição anteposta, rejeitando a hipótese nula. Esses padrões de atração/repulsão reforçam a especialização funcional das microconstruções conectores em relação ao posicionamento da oração condicional que sinalizam. Em outras palavras, a análise estatística revela que os conectores condicionais não competem funcionalmente pelos mesmos contextos sintáticos: sua distribuição é moldada por padrões convencionalizados que apontam para uma diferenciação construcional na gramática dos conectores e orações condicionais do português.

No caso específico das microconstruções restritivas negativas, [a menos que] e [a não ser que], a polaridade da oração núcleo é que se mostrou um fator influente nos contextos de uso em que essas microconstruções aparecem. Conforme demonstra a Tabela 4, orações condicionais introduzidas pela microconstrução conectora [a menos que] ocorrem preferencialmente combinadas com orações núcleo afirmativas, ao passo que condicionais introduzidas por [a não ser que] ocorrem majoritariamente articuladas a orações núcleo com polaridade negativa. Aqui, novamente, temos contextos em distribuição quase complementar, indicando um processo de diferenciação funcional entre as microconstruções e um claro processo de especialização pragmática desse conjunto de microconstruções.

Tabela 4 – Polaridade do complexo oracional

Microconstrução conectora	Polaridade afirmativa	Polaridade negativa	X ²	valor p
[a menos que]	117	74	38,3	0,001
[a não ser que]	52	158	38,3	0,001

Fonte: elaboração própria.

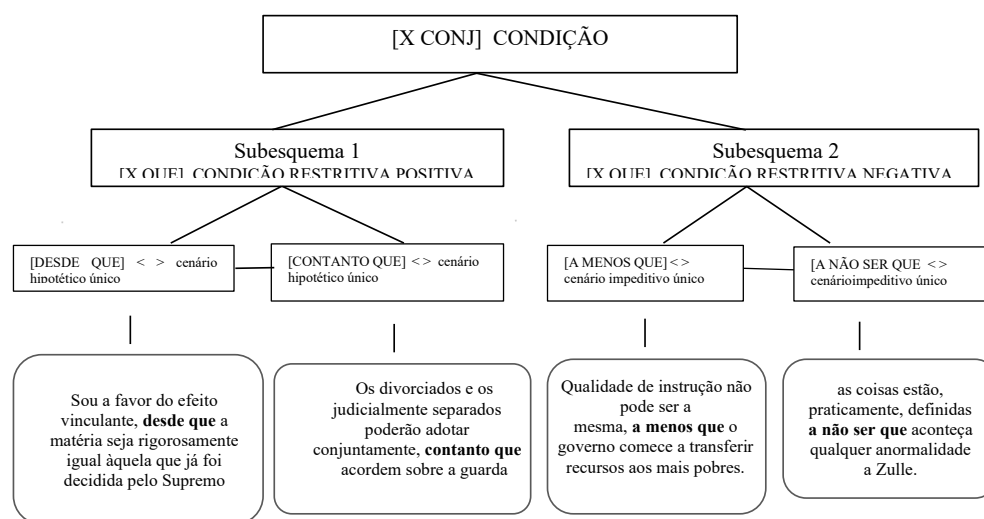
Para resumir, então, as informações recolhidas aqui, há que se ter em mente:

- ♦ no recorte analisado, há dois subesquemas associados ao significado condicional, cada um instanciado por duas microconstruções, com diferentes graus de convencionalização, mas não de significado;
- ♦ as microconstruções sob análise apresentam similaridades substanciais no que diz respeito às suas propriedades pragmáticas e semânticas, e diferenças contextuais significativas, mas não excludentes.

Ora numa abordagem que seja em alguma medida funcional, as diferenças contextuais não são nenhuma surpresa. O problema que coloco aqui é, apesar de essas construções preferirem contextos específicos, o que se confirmou em quase todos os testes estatísticos realizados, elas podem, em alguma medida, acontecer em qualquer um dos contextos analisados. Veja que as análises não apresentam nenhuma relação *default*, e, no caso, da referência temporal essa diferença sequer se mostrou significativa. Como, então, dar conta desse fato, considerando, especialmente, que a abordagem construcional entende que a modelagem da gramática é fundamentalmente acionada por processos cognitivos e pela experiência? O que revela, portanto, a experiência dos falantes do português sobre o uso dos conectores aqui analisados?

Poder-se-ia argumentar que traços do contexto podem estar convencionalizados como propriedade de significado da construção, entendendo, portanto, que esses traços fariam parte do pareamento forma-significado, especificados no nível da microconstrução. No entanto, o que fica demonstrado aqui é que, mesmo que com menor frequência, as construções analisadas não se mostraram exclusivas de nenhum contexto, o que significa que esses traços ainda não se convencionalizaram a ponto de subespecificarem as microconstruções. Por isso, diante dessas informações, defendo aqui a **hipótese da similaridade construcional**. Embora as microconstruções analisadas não sejam sinônimas, elas compartilham uma parte substancial de significado construcional e podem ser consideradas duas opções construcionais para conceitualizarem um mesmo evento do mundo biossocial. Ou seja, embora apresentem diferenças, elas também exibem semelhanças relevantes que devem ser levadas em consideração em uma teoria gramatical, em especial numa teoria gramatical que se rotula moldada pelo uso. Assim, assumindo a hipótese da similaridade construcional e entendendo que as microconstruções não constituem estruturas totalmente independentes, mas relacionadas como opções alternativas para descrever os mesmos tipos de eventos, **defendo a configuração horizontal** da rede para representar não apenas a similaridade entre microconstruções, mas também sua alternância em contextos semelhantes, o que não pode ser descrito verticalmente já que não é possível subespecificar esses contextos. Com base nesses detalhamentos, apresento então a organização final da rede dos conectores condicionais na Figura 8. Na rede, os elos horizontais entre as microconstruções marcam sua similaridade construcional e motivam sua competição em contextos de uso.

Figura 8 – A configuração horizontal da rede dos conectores



Fonte: elaboração própria.

Ao assumir a **alternância construcional**, entende-se que, para além das generalizações baseadas na construção específica, existem generalizações baseadas em similaridade construcional e contextual que também consistem em informações armazenadas na representação cognitiva dos usuários. Rejeito, portanto, o pressuposto de Goldberg (2006, p. 25) de que um padrão construcional “é mais bem analisado por si só, sem considerar referências implícitas ou explícitas a um possível sintagma alternativo”²². A rede é mais bem detalhada sem uma visão tão dogmática da relação forma-função, entendendo que construções devem ser analisadas também em referência a seus pares similares. Posicionamento semelhante pode ser encontrado em Capelle (2005), Perek (2015), Diessel (2019, 2023) e, para o português, em Machado Vieira e Wiedemer (2020).

Também rejeito o posicionamento de Ungerer (2024) descrito anteriormente, para quem elos verticais e horizontais constituiriam apenas distinções notacionais, já que estariam assentados sobre um mesmo processo cognitivo, analogia/similaridade, base para a categorização e abstração, e, portanto, não constituiriam ferramentas de análise com diferentes respostas. Aqui, invoco o processo cognitivo conhecido como **memória enriquecida**, de Bybee (2016, p. 59), segundo o qual os indivíduos não estocam as experiências individualmente, mas todo um conjunto de detalhes dessa experiência, que envolve o contexto, inferências, frequência. “Representações cognitivas da gramática incluem informação específica sobre contextos de uso de exemplares e seus significados e implicações nesses contextos”. Ainda, “Uma vez que os exemplares fornecem um registro da experiência do falante com a língua, modelos que assumem exemplares como representações permitem a representação direta tanto da **variação** quanto da **gradiência**.” (Bybee, 2016, p. 62). Portanto, para além da analogia, como prevê Diessel (2019), proponho aqui que elos horizontais também se assentam sobre a habilidade cognitiva **memória enriquecida**, estocando detalhes da experiência linguística que orientam os usuários da língua a atuarem com eficiência com relação à hipó-

²² “(...) is best analyzed in its own terms, without relying on explicit or implicit reference to a possible alternative phrase”.

tese da similaridade construcional, acionando, a partir dos detalhes estocados, os exemplares relevantes para cada contexto, associados na rede por elos horizontais. Em outras palavras, os falantes não armazenam apenas generalizações (tarefa dos elos verticais), mas também detalhes específicos das experiências de uso, o que inclui o contexto. Aqui, defendo que essa é tarefa dos elos horizontais, que capturam o conhecimento sobre os contextos em que exemplares similares são usados, orientando as escolhas dos falantes. Fica respondido, portanto, o questionamento levantado no início deste artigo: elos verticais são responsáveis pela sistematicidade da gramática, organizando o conhecimento em hierarquias de abstração e generalização (categorização), enquanto elos horizontais são responsáveis pela flexibilidade e especificidade contextual, modelando como os falantes gerenciam a competição entre construções similares para atingir propósitos comunicativos específicos.

Elos horizontais constituem, assim, uma ferramenta fundamental para uma análise robusta da representação cognitiva do conhecimento dos falantes sobre a gramática da língua, que envolve detalhes do contexto em que construções são usadas. Nesse sentido, enquanto os elos verticais modelam a organização hierárquica e taxonômica do conhecimento linguístico como resultado da abstração e categorização, os elos horizontais capturam as relações de similaridade, alternância e competição entre construções num mesmo nível de abstração. Elos horizontais são adequados, portanto, não apenas para associar construções com semântica parcial, mas para representar sua competição por contextos de uso, que pode se dar tanto entre construções formalmente distintas e semanticamente similares dentro de uma mesma rede, como entre construções similares não ligadas por elos de herança.

5 Considerações finais

Meu ponto de partida neste artigo era analisar os diferentes modelos de organização cognitiva da rede, avaliando a relevância da organização horizontal associada ao modelo vertical. No caminho percorrido, discuti os diferentes modelos de rede para, a partir da análise de um conjunto de microconstruções conectoras, pensar as bases da organização horizontal da rede dos conectores condicionais. Considerando os usos dos conectores condicionais em contextos similares, defendo a organização horizontal da rede baseada na hipótese da similaridade construcional, entendendo que construções podem apresentar sobreposição de propriedades pragmáticas e semânticas e servirem a propósitos comunicativos comuns, sendo usadas como alternativas para conceitualizar uma mesma realidade biossocial.

Espero, assim, ter respondido aos questionamentos sobre o porquê da organização em elos horizontais, qual o mecanismo cognitivo por trás dessa organização e qual a divisão de tarefas entre elos verticais e horizontais, sempre pautada pela plausibilidade psicológica da gramática. E para finalizar, quero destacar algumas vantagens da configuração integrada da rede cognitiva, organizada por elos verticais e horizontais:

- 1) **Modelagem da mudança diacrônica:** A competição entre construções pode levar a mudanças na frequência de uso, à extensão de padrões funcionais e até mesmo ao desaparecimento de construções. Elos horizontais permitem representar como estas mudanças ocorrem na rede de construções ao longo do tempo, ilustrando como a competição entre construções similares molda o desenvolvimento das construções.

É o que discuti, por exemplo, em trabalho recente sobre mudanças no subesquema [V que] condicional. Neste trabalho, observei que à medida que a microconstrução [supondo que] emerge e se consolida, competindo com outras construções sancionadas pelo mesmo subesquema e tornando-se mais o exemplar mais frequente, a microconstrução [dado que], também sancionada por esse subesquema, diminui significativamente seu uso, até não mais encontrar seu registro no português contemporâneo (Clemente e Oliveira, 2022).

- 2) **Aquisição:** no processo de aquisição, crianças generalizam não apenas padrões e regularidades rumo à abstratização e categorização, mas reconhecem similaridades e, por meio delas, expandem seus repertórios linguísticos.
- 3) **Priming:** o *priming*, processo por meio do qual uma forma linguística pode facilitar a ativação e processamento cognitivo de formas linguísticas semelhantes, também demonstra a força das relações horizontais, já que a probabilidade de uma construção ativar outra é muito maior quando essas construções são similares, compartilham propriedades e podem ser usadas em contextos semelhantes. Essas construções estão horizontalmente ligadas.

É evidente que aqui não esgotei todas as análises para verificar a similaridade entre as microconstruções conectoras, outras propriedades contextuais como registro de uso da língua, tipos e gêneros textuais, domínio discursivo, testes psicológicos de reconhecimento podem e devem ser incorporados para a verificação da hipótese da similaridade construcional. O que fiz aqui foi tomar passos iniciais para defender a organização horizontal da rede e os mecanismos cognitivos que sustentam essa organização. Espero, assim, ter dado alguma contribuição à discussão.

Referências

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*. 2006.
- CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S.; SANTOS, M. Formação da construção [Xque]_{conec} no Português. *E-escrita-Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 6, n. 3, p. 229-243, 2015.
- CLEMENTE, C. G. C. *O subesquema [V_que] condicional no português*. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2020.
- CLEMENTE, C. G. C.; OLIVEIRA, T. P. Esquematicidade e produtividade na reconfiguração da rede de conectores condicionais. *Revista do GEL*, v. 19, n. 3, p. 58-84, 2022.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: Syntactic theory in typological perspective*. Oxford University Press, USA, 2001.
- DIESSEL, H. *The constructicon: Taxonomies and networks*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- DIESSEL, H. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

- GOLDBERG, A. E. *Explain me this: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GRIES, S. *Quantitative corpus linguistics with R: A practical introduction*. New York: Routledge, 2016.
- GRIES, S.; STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis. A corpus-based perspective on 'alternations'. *International Journal of Corpus Linguistics*, Amsterdam, v. 9, n. 1, p. 97-129, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1075/ijcl.9.1.06gri>
- GYSELINCK, E. Modeling shifts and reorganizations in the network hierarchy. In: SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020, p. 107-140.
- HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, New York, v. 54, n. 3, p. 564-589, 1978.
- HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1999. 231 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- HOFFMANN, T. Construction grammar and creativity: Evolution, psychology, and cognitive science. *Cognitive Semiotics*, Berlin, v. 13, n. 1, 2020.
- HUDSON, R. *An Introduction to Word Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*, Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.
- OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, p. 45-66, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.45-66>
- OLIVEIRA, T. P. *Conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. 155 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. *Cognitive linguistics*, Berlin, v. 23, n. 3, p. 601-635, 2012.
- RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development for R*. Boston, MA: RStudio, PBC, 2023. Disponível em: <https://posit.co>. Acesso em: 28 set. 2024.
- SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

UNGERER, T. Vertical and horizontal links in constructional networks: Two sides of the same coin?. *Constructions and Frames*, Amsterdam, v. 16, n. 1, p. 30-63, 2024.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: The maintenance of constructional networks. *Extending the scope of construction grammar*, Berlin, v. 1, p. 141-179, 2014.

ZEHEMNER, E.; TRAUGOTT, E. C. Constructional networks and the development of benefactive ditransitives in English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (Ed.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2020, p. 168-211.